

AMPLIANDO O OLHAR.  
REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS  
A RESPEITO DO NOVO PARADIGMA

*Wagner Lopes Sanchez\**

Sobre o olhar e o gesto

A existência humana se dá a partir da relação entre o olhar e os gestos. De outra forma, a nossa existência é a articulação do nosso olhar e dos nossos gestos. O nosso olhar é constituído pelo nosso pensamento, pelos nossos sentimentos, pelas nossas percepções, pela nossa história de vida, pelos valores culturais que recebemos, pelo conhecimento acumulado etc. Os nossos gestos são constituídos pelas diversas ações que desencadeamos para viver satisfatoriamente no mundo.

A finalidade principal da vida é desabrochar plenamente. Os diversos seres vivos criaram e recriam a cada instante diversas formas para conservar a vida (Maduro, 1994:28). Com os seres humanos acontece o mesmo: buscamos incese-

---

\* Wagner Lopes Sanchez é doutor em ciências sociais pela PUC/SP, professor na Faculdade São Luís, na PUC-SP, no Instituto de Teologia da Diocese de Santo André, São Paulo, e um dos coordenadores do Núcleo de Estudos sobre a Pobreza, da Faculdade São Luís.

santemente viver bem, viver uma vida feliz onde o prazer se sobreponha à dor, ao sofrimento e aos limites da existência. Aquilo que chamamos de felicidade faz parte do esforço de nomear o desejo que temos de viver bem, de ter uma boa vida<sup>1</sup>.

O nosso olhar sobre a vida e os nossos gestos tem a ver, portanto, com a luta que desencadeamos para garantir a nossa existência. Todas as formas que temos de olhar o mundo e todos os gestos que realizamos subordinam-se ao nosso desejo de mais vida e à luta pela sobrevivência.

Cada grupo humano, cada sociedade elabora ao longo do tempo um olhar próprio com o objetivo de orientar os diversos gestos, visando à luta pela sobrevivência. Esse olhar oferece uma compreensão apropriada das pessoas, da natureza, da realidade social, apresentando soluções modelares para os problemas que se colocam na luta pela sobrevivência. Esse olhar é o que chamamos de paradigma<sup>2</sup>. Desta forma, paradigma é o conjunto de concepções, valores, procedimentos e técnicas consensuais numa sociedade que tem a função de explicar a realidade e de apresentar soluções para os problemas colocados pelas pessoas e pelos grupos sociais.

Os diversos paradigmas que as sociedades foram construindo na história apresentam-nos, em última instância, respostas à pergunta decisiva da existência humana a respeito da felicidade e, portanto, da luta pela vida.

Na sociedade ocidental, o paradigma construído na modernidade foi aquele que configurou a história desde o século XVII com o surgimento da ciência.

Neste texto, pretendo apresentar a trajetória do paradigma da modernidade e indicar os principais elementos do novo paradigma.

---

1. Esse *destino* da vida para o desabrochar, para a felicidade, aparece de diferentes formas nas próprias religiões que, fundamentalmente, são tentativas de responder àquele desejo anteriormente referido. No cristianismo e no budismo essa afirmação também aparece: *Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância* (Jo 10,10); *Para mim o próprio objetivo da vida é perseguir a felicidade. Se acreditamos em religião, ou não; se acreditamos nesta religião ou naquela; todos estamos procurando algo melhor na vida. (...) O propósito da nossa existência é buscar a felicidade* (Dalai Lama e Cuther, 2001:13-17).

2. Para Kuhn, no âmbito da ciência, paradigmas são *as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência* (1995: 13). Neste texto, utilizo a categoria paradigma de forma mais ampla, mas aproximativamente à forma utilizada por Kuhn.

## O olhar da ciência moderna

Em resumo, a modernidade caracterizou-se como uma grande ruptura ou um conjunto de rupturas com o modelo medieval de compreensão da natureza, da sociedade e da história.

Enquanto na idade média, a centralidade da vida social estava na instituição religiosa que definia todos os critérios de conduta tanto para a vida da pessoa como para os demais níveis do tecido social, com o advento da modernidade o sujeito, e conseqüentemente a razão, surge como o definidor de critérios. Há um deslocamento da instituição religiosa para o sujeito e, portanto, da religião para a razão. Mais do que isso, ocorre a absolutização do sujeito e da razão em substituição à absolutização da instituição religiosa e da religião anteriormente predominante.

Desta forma, a instituição religiosa e a religião, que antes tinham o papel de referências para o conjunto da sociedade, obrigando as pessoas a aceitarem um determinado modelo religioso, na idade moderna, com o desenvolvimento da modernidade, foram relegadas ao segundo plano, passando a interferir apenas no âmbito da vida pessoal. Esse processo, conhecido como secularização, configurou a sociedade moderna.

A modernidade, ao criar um novo estilo de vida, uma nova organização social, vai rejeitar enfaticamente tudo o que dizia respeito à sociedade medieval, usando imagens tais como: período das trevas, período do obscurantismo, período da ignorância... E o grande símbolo a ser atacado pela modernidade passa a ser a religião católica e a instituição correspondente, a Igreja Católica<sup>3</sup>. A religião é esvaziada da sua função de quadro referencial para a vida social e passa a ser reconhecida apenas como quadro referencial da vida privada.

Para a modernidade, a ciência vai ser o grande instrumento da razão que vai possibilitar o domínio da natureza, a submissão do mundo aos objetivos humanos. A ciência, como desdobramento da razão instrumental, vai se impor como chave para interpretar e transformar a realidade existente.

---

3. A Reforma Protestante foi um movimento que, para ser melhor compreendido, precisa ser visto no conjunto das críticas da modernidade. Além disso, a Reforma Protestante trouxe um outro modelo de religião que, diferentemente do catolicismo romano, valorizou o sujeito como fonte de critérios.

O cientificismo, visão exagerada da ciência como chave única para ler toda e qualquer realidade, vai ser, de certa forma, uma das patologias da sociedade ocidental<sup>4</sup>. A ciência ganha o status de saber especial que, sobrepondo-se ao mito, à religião, à filosofia e à arte, se impõe como capaz de explicitar toda a realidade existente. A ciência moderna, ao contrário da filosofia que se apresentava como um conhecimento de conjunto sobre a vida humana e sobre a história, tem como característica principal a fragmentação da realidade e a especialização dos conhecimentos produzidos.

Ao lado da ciência, a idéia do progresso ganha grande força e substitui a idéia de providência existente na concepção religiosa medieval. Acontece o abandono da idéia de que o mundo e a sociedade foram ordenados por uma vontade divina em favor da idéia de que o mundo e a sociedade são organizados pela razão humana. A organização social e a história não são mais compreendidas como ordem divina, imutável, mas como fruto da vontade e da ação humana e, portanto, modificáveis. O progresso acaba sendo uma variante secular da providência. A valorização das leis racionais colocou em segundo plano a valorização das leis divinas (Lyon, 1998:14). O progresso é, portanto, uma versão moderna da idéia medieval de providência.

Sob o ícone do progresso, o capitalismo desenvolveu a tecnologia de que necessitava para ampliar o seu domínio sobre o mundo conhecido até então. Ciência, tecnologia e progresso passam a ser sinônimos de desenvolvimento do novo modo-de-produção.

O paradigma da modernidade, tendo como seu eixo central a ciência, ao fragmentar a realidade, simplificará a compreensão desta. Por isso, Morin vai chamar esse paradigma de paradigma da simplicidade pois, segundo ele, *com esta vontade de simplificação, o conhecimento científico consagrava-se à missão de revelar a simplicidade escondida por detrás da aparente multiplicidade e da aparente desordem dos fenômenos* (1990:86). O mundo passou a ser visto como um grande campo ao qual a ciência, à medida que o estudava, ia dando ordem a este, descartando toda a desordem existente. Para a ciência, a relevância dos vários

---

4. Um dos resultados dessa patologia a que me refiro é a própria relação anti-ecológica que a sociedade moderna estabeleceu com a natureza. O movimento ecológico atual tem a tarefa de resgatar relações mais transparentes entre o ser humano e a natureza.

fenômenos da realidade se dá na medida em que ela consegue explicá-los, classificá-los e simplificá-los.

Uma definição ilustrativa de paradigma da modernidade é a que é apresentada por Capra. Essa definição vai além do eixo da ciência e permite compreendê-lo como configurador de um modelo civilizatório:

*crença de que o método científico é a única abordagem válida do conhecimento; a concepção do universo como um sistema mecânico composto de unidades materiais elementares; a concepção da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência; e a crença do progresso material ilimitado, a ser alcançado através do crescimento econômico e tecnológico (1997:28)<sup>5</sup>.*

### Um novo olhar

Quando o olhar que temos sobre a realidade torna-se insuficiente para compreendê-la, é necessário ampliá-lo, redimensioná-lo, refazer o foco. Quando as nossas percepções da realidade onde vivemos, da história e da natureza começam a mudar, é sinal de que o nosso olhar — o nosso paradigma — precisa ser alterado.

Quais são os sinais na atualidade que apontam para um novo olhar, para um novo paradigma? Podemos indicar alguns deles:

- as nossas referências, os nossos valores, não conseguem mais responder aos problemas colocados pela realidade e pela história;
- surge um sentimento de insatisfação generalizada entre as pessoas diante das normas e valores dominantes;
- as diversas instituições sociais não conseguem acompanhar mais o ritmo de mudanças desejado pelas pessoas: ocorre o descompasso entre os desejos das pessoas e as formas institucionais existentes; e
- a sociedade começa a apresentar sinais de crise generalizada: a sensação de que os modelos institucionais existentes podem desaparecer.

Para muitos pensadores, estaríamos vivendo, hoje, numa situação de crise generalizada que atinge também o paradigma da modernidade. O paradigma que foi criado na modernidade, segundo esses pensadores, teria se esgotado e já estaríamos testemunhando o surgimento de outro

---

5. Essa definição de Capra mostra o estreito vínculo do paradigma da modernidade com a sociedade capitalista.

paradigma que teria a tarefa de responder aos novos desafios presentes nas várias áreas da vida.

Esse novo paradigma tem recebido vários nomes: paradigma holístico (Crema, 1989), paradigma de complexidade (Morin, 1990)<sup>6</sup>, paradigma ecológico e concepção sistêmica (Capra, 1997)<sup>7</sup>. São conceitos que tentam expressar, aproximativamente, as mudanças que estão ocorrendo no âmbito das referências nos diversos campos da cultura.

A discussão em torno do novo paradigma baseia-se, fundamentalmente, na idéia de que há uma inter-relação e uma interdependência essencial entre os fenômenos da realidade. Esse novo paradigma não pode ser compreendido dentro da concepção científica tradicional de fragmentação da realidade em que os fenômenos são compreendidos isoladamente. Essa nova visão exige que a realidade seja compreendida como um todo onde as diversas partes se articulam organicamente.

Como o momento em que estamos vivendo é de crise do velho paradigma e de formulação do novo, ainda não existe um conjunto de conceitos bem estabelecido que dê conta dos novos desafios e problemas existentes (Capra, 1997:259).

A respeito disso é importante esclarecer que, em momentos de crise, pode acontecer uma tempestade de novos conceitos e de novas referências que precisam passar por um processo de sedimentação.

A seguir, apresento alguns componentes desse novo paradigma:

- toda a realidade existente está fundada na inter-relação e, por isso, nenhum fenômeno tanto da natureza como da sociedade, pode ser compreendido fora da realidade global porque nada está isolado;
- os nossos conhecimentos são provenientes da nossa interação com o universo;
- para conhecer a vida, a natureza e a história precisamos recorrer a outros modos de conhecimento não-conceituais (intuição, afetividade e mística);

---

6. Quando se utiliza a expressão complexidade quer-se expressar a dimensão de inter-relação entre as várias realidade existentes no universo.

7. Ao falar em concepção sistêmica, Capra quer se referir a uma nova compreensão da realidade que a considera como um grande sistema articulador das várias partes existentes.

- o processo de síntese é tão importante como o processo de análise. É a síntese que permite compreender a organicidade da realidade;
- a realidade é composta de dualidades tais como ordem e desordem, vida e morte, corpo e mente, sonho e realidade<sup>8</sup>;
- o resgate da relação profunda da pessoa humana com a natureza é fundamental tanto para a vida da humanidade quanto para a vida do planeta; e
- todas as ações que realizamos são ações que atingem necessariamente as diversas esferas da vida social, pois não existe nenhuma ação isolada do conjunto da realidade.

### Para ampliar o olhar e os gestos

Quando um paradigma não responde mais às novas questões, às novas exigências e às novas mudanças sociais, dá-se início ao processo de crise de paradigmas. Nesse processo de crise, que pode ser muito longo, novas concepções, novos valores e novos procedimentos surgem, apresentando-se como alternativos àqueles anteriormente dominantes.

Diante da crise, podemos adotar três alternativas básicas: a) fechamento nos modelos tradicionais que temos; b) abandono desses modelos tradicionais para criar outros que possam responder mais adequadamente aos desafios colocados; e c) busca do equilíbrio entre os valores tradicionais que são considerados inegociáveis e novos valores que desabrocham nos novos contextos<sup>9</sup>.

A primeira alternativa caracteriza-se como continuidade ininterrupta daquilo que sempre se fez; a segunda alternativa caracteriza-se como um conjunto de rupturas contínuas; a terceira alternativa apresenta-se como o caminho do meio entre a continuidade e a ruptura, entre o velho e o novo, entre a tradição e a novidade.

A emergência de uma nova percepção da realidade e, portanto, de um novo paradigma coloca para nós o desafio de repensar o nosso

---

8. A dualidade articula os contrários; o dualismo separa os contrários (Boff, 1997: 75).

9. Às duas primeiras alternativas, Boff chama de dimensão galinha e dimensão águia. Essas duas dimensões, segundo ele, são inerentes ao ser humano e constituem a dualidade fundamental da vida. O desafio que se coloca para nós é buscar o equilíbrio entre essas duas dimensões.

modo de interferir no mundo. Estamos vivendo um momento histórico que exige de nós novas sínteses, novas formulações, novas respostas, novas formas de organização social.

O paradigma da modernidade fundamentou um modelo de organização social que, nos seus desdobramentos, atingiu um alto grau de desgaste da natureza, de dilaceramento das relações humanas reduzidas à mercantilização e de exclusão social. Pensar num novo paradigma significa pensar também numa nova forma de organização social onde aconteça o resgate de relações harmoniosas do ser humano com a natureza, de relações iguais entre as pessoas e a inclusão social.

A utopia de uma sociedade com igualdade só pode ser concretizada se construirmos um novo paradigma que responda ao desejo que homens e mulheres têm de felicidade. Somente desta forma, o olhar e o gesto estarão a serviço de mais vida para a maioria da humanidade que hoje espera de todos nós uma resposta afirmativa em favor da felicidade de todos.

### Referências Bibliográficas

- BOFF, L. (1997). *A águia e a galinha. Uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes.
- CAPRA, F. (1997). *O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix.
- CREMA, R. (1989). *Introdução à visão holística. Breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus.
- DALAI LAMA e CUTLER, H. C. (2001). *A arte da felicidade. Um manual para a vida*. São Paulo: Martins Fontes.
- KUHN, T. S. (1995). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- LYON, D. (1998). *Pós-modernidade*. São Paulo: Paulus.
- MADURO, O. (1994). *Mapas para a festa. Reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*. Petrópolis: Vozes.
- MORIN, E. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget.